2.39 Posfácio

"Wejen Ausdrücken"

Por causa de expressões

Passado o sofrimento inicial, Klemperer passa a se questionar por onde recomeçaria quando pudesse reassumir suas antigas ocupações. O regime nazista arrancara-lhe das mãos o estudo da literatura francesa do Século XVIII, cuja continuação somente seria possível por meio de consultas a bibliotecas. Quanto aos "Diários" ainda não sabia se teriam sobrevivido, juntamente com a amiga Dra. Annemarie Köhler, em sua clínica médica em Pirna, aonde tinham sido escondidos. Teria sido muito luxo ou egoísmo ter-se dedicado no passado somente a estudos científicos, ter dado um tom individual à pessoa do alemão e do francês[1], ao invés de ter tido a sagacidade de captar sua diversidade humana? A vivência da guerra que armazenara durante os anos de sofrimento tinham-no transformado em outro ser humano, e talvez fosse hora de relatar essa vivência e não mais desviar-se da política, considerada enfadonha até então. No meio da interioridade de seu embate pessoal a respeito da decisão a ser tomada, vêm-lhe à mente duas pessoas, com opiniões antagônicas entre si, que não tinham sobrevivido à tragédia, mas cuja presença, carinho e dedicação marcaram-no naqueles anos. Kätchen Sara como estímulo diário dizia

"*Schreiben Sie auf – das müssen Sie aufschreiben*![2]",

foi assassinada em campo de concentração e o amigo Stühler, que sucumbe de penúria, contrário ao estoicismo com que Klemperer anotava cada madrugada o que veio a ser o livro em questão, a 'LTI'. Kätchen, viúva do Sr. Voss, ariano rico, mantém-se fiel ao seu batismo pelo casamento, obrigada pelo regime a acrescentar o nome Sara, morou de 1940 a 1943 nos mesmos *Judenhäuser*, até ser transportada para um campo de extermínio[3].

---

[1] Cf . o termo *DER* que consta do glossário no Capítulo 4.
[2] Anote, isso tem de ser anotado!
[3]Em 26 de maio de 1940 os Klemperer foram obrigados a mudar-se para o primeiro *Judenhaus* onde conheceram Kätchen "Sara" Voss, de aproximadamente sessenta anos, meio infantilizada e carente de contato humano. Tornou-se a principal fonte de informações da tragédia reinante. Apesar de ter sido uma presença invasiva na privacidade do casal, dedica-lhes muito carinho.

Stühler, amigo jovial, quer que Klemperer descanse mais e deixe a árdua tarefa do triste relato para outra pessoa. No embate desse dilema, Klemperer depara-se com outra fugitiva, como eles, com uma filhinha, cujo sotaque berlinense ouve com prazer, durante os dias passados no acampamento, antes da chegada dos americanos. Ela apercebe-se de que professam o mesmo pensamento político. Seu marido estivera preso como comunista, mas no momento desconhece seu paradeiro, nem mesmo se ainda vive. Sobre si mesma c*onta com uma ponta de orgulho, que também fora prisioneira, mas dada a superlotação das cadeias, tinha sido colocada em trabalhos forçados. Klemperer pergunta-lhe ansioso, por que fora prisioneira? A resposta "*wejen Ausdrücken*[4]" mexe com seu senso de filólogo. É o fio condutor que buscava para escrever sua 'LTI'. Assim, a vara do equilibrista é destituída de sua função (preservar sua saúde mental) e a 'LTI' é escrita, menos por vaidade do que pelas "*wejen Ausdrücken*". Klemperer cumpre sua missão de prestar testemunho de todas aquelas expressões, anotadas diariamente durante os doze anos do horror nazista.

[4] Por causa de expressões.'LTI', p. 362.

CONCLUSÃO

> Os registros de Victor Klemperer transmitem uma herança cumulativa para a posteridade. São observações destemidas. A narrativa de como o Terceiro Reich acelerou a cruzada contra os judeus faz um nítido retrato da falsidade e brutalidade nazistas.
>
> *Peter Gay*[1].

O presente trabalho teve como principal intuito divulgar a obra de Victor Klemperer intitulada *'LTI' Lingua Tertii Imperii'* na comunidade acadêmica brasileira, assim como pôr à disposição dos estudiosos do Holocausto um glossário da linguagem empregada pelos detentores do poder durante o período nazista, tal como ela foi levantada por Klemperer, acrescido de sua tradução para o português e de um levantamento do eventual uso das palavras nele contidas na atualidade. Para além dessas metas, cabe ainda cogitar em conclusões mais amplas, que possam, por um lado, dar subsídios para tentar, mais uma vez, chegar a um certo grau de compreensão dos fenômenos que ocorreram na Alemanha e nos territórios ocupados pelos alemães e seus aliados entre 1933 e 1945 e, por outro, servir para uma reflexão sobre a época presente e sobre a eventual repetição de formas de manipulação da linguagem que possam ser comparadas com as que foram observadas, registradas e comentadas por Victor Klemperer.

A questão central que este trabalho teve que elucidar consistiu, sem dúvida, em verificar se a obra *'LTI' Lingua Tertii Imperii'* comprovaria efetivamente que houve manipulação da linguagem durante o Terceiro Reich, com o fim genérico de inculcar nas mentes dos alemães da época a ideologia nazista e o mais específico de convencê-los de que o preconceito racial anti-semita, elemento fulcral da ideologia nazista, devia ser visto como algo 'normal', algo que justificaria a perseguição e o extermínio dos judeus.

Creio ter dirimido essa questão, demonstrando que a linguagem do Terceiro Reich foi manipulada de fato pela cúpula do regime nazista com as finalidades indicadas. Mas o trabalho com esta obra permitiu-me também verificar que ela não trata exclusivamente do tema que lhe serve de título, mas constitui também um estudo sócio-cultural do ambiente

---

[1] Peter Gay. *Na selva nazista*. In mais!, 6 de dezembro de 1998, p. 5.

alemão daquela época. Entretanto, coincidindo com o título complementar dado pelo autor, “Anotações de um Filólogo”, este estudo ateve-se ao tema da perversão da linguagem, deixando para os futuros estudiosos dos *Diários* de Klemperer, dos quais a *LTI* foi desmembrada, a análise sócio-cultural da Alemanha nazista a partir dos dados contidos na *LTI*.

Quando da redação desta obra, o seu autor via uma certa questão educacional como sua principal preocupação, visto que o afligia a possibilidade de as gerações posteriores à era nazista pouco ou nada aprenderem das amargas experiências daquele período. Dentre as obras da "literatura de testemunho", este trabalho de Victor Klemperer se destaca porque vai além do mero testemunho, sem deixar de ser exatamente isso, um testemunho relativamente objetivo mas absolutamente convincente. Aliás, anotar os fatos vividos e transmiti-los às gerações futuras é uma tradição judaica milenar, atávica, que remete ao livro *Zakhor* de Yosef Hayim Yerushalmi[2]. *Zakhor,* ‘lembre-se’ em hebraico, é expressão que inicia, em uma de suas versões, o IVº mandamento de Moisés[3]. Neste contexto é interessante constatar que Victor Klemperer, que até a instauração do nazismo tinha percorrido, como tantos judeus alemães de seu tempo, o caminho da assimilação até o batismo numa religião cristã, que foi brutalmente lembrado de sua condição de judeu pelos nazistas, cumpriu, com a sua obra, um dos principais deveres da tradição judaica: o de prestar testemunho.

Uma característica da '*LTI*' torna esta obra algo único. Não se conhece outra fonte de informação, provinda de alguém que viveu durante o nazismo e a ele sobreviveu, que relate com a mesma profundidade, elegância literária, vivacidade e clareza as mudanças sofridas pela língua alemã durante esse período. Mas não fica apenas nisso. É também um testemunho das agruras sofridas pelos judeus que não chegaram a ser enviados aos campos de extermínio e que, mesmo tendo conseguido sobreviver, viram sua vida tornar-se cada vez mais amarga e sem valor.

---

[2] YERUSHALMI, Yosef Hayim. *Zakhor*. Imago, Rio de Janeiro, 1992.
[3] Lembre de guardar o sábado, o dia do descanso.

Há uma pergunta que cabe responder aqui de modo a tentar contribuir para responder a questão tantas vezes posta de como foi possível que toda (ou quase toda) a população alemã tivesse participado do nazismo (ou pelo menos tolerado os seus desmandos). Por que os próprios judeus (ou pelo menos parte deles) aceitaram, de certa forma, a discriminação de que foram vítimas (ou pelo menos, por que não se rebelaram de modo eficiente contra ela)? Uma das explicações possíveis seria a de que faz (ou pelo menos, fazia) parte da auto-imagem de muitos judeus o *Selbsthaß,* o ódio contra si mesmo[4], ao qual pode ser atribuído, pelo menos em parte, a sensação de merecer a perseguição de que foram vítimas. Para além disso, não deixou de haver tentativas por parte dos nazistas de explicar ou justificar a perseguição, esgrimindo-se até mesmo o argumento sionista[5]. É de se supor que o antijudaísmo alemão, do qual se tem notícia desde data tão remota quanto o ano de 1096 da nossa era, levasse a que todas as perseguições que vieram a seguir criassem raízes para gerar o *Selbsthaß.* Não é o caso de adentrar aqui em questões psicanalíticas, mas sabe-se que existe um tipo de comportamento de identificação do agredido com o agressor, como forma de autoproteção, e que se antecipa às medidas que o agressor irá tomar[6]. Para além disso, muitos dos judeus que permaneceram em sua terra natal pensavam que não seriam considerados judeus, pois se identificavam perfeitamente com o povo alemão, tendo chegado até mesmo a mudar de religião para melhor se incluírem nele e achavam que não seriam excluídos desse povo. Klemperer era e não era um destes, porque se por um lado tinha deixado quase que totalmente de lado sua consciência de ser judeu, por outro, estava seguro, desde o início do regime, de que eram os nazistas que estavam "invadindo" a Alemanha e deturpando as suas tradições culturais mais caras, envolvendo o povo alemão de modo sub-reptício, porém muito eficiente.

---

[4] Cf. LESSING, Theodor: *Der jüdische Selbsthaß,* Jüdischer Verlag. Berlim 1930

[5] A Agência de Notícias da Alemanha, em artigo escrito pelo editor A. I. Berndt e publicado no jornal *Jüdische Rundschau* de 17.09.1935, comentava as Leis de Nuremberg da seguinte forma: *"El Congreso Sionista Internacional acaba de tener lugar en Suiza; un congreso que también puso término al judaísmo considerado como mera religión. En el Congreso Sionista, los oradores declararon que los judíos son un pueblo aparte y, una vez más, expusieron la reivindicación nacional de los judíos. Alemania sacó simplemente las consecuencias prácticas de ello, y al declarar que los judíos que viven actualmente en Alemania son una minoría nacional, coincide con las pretensiones del Congreso Internacional Sionista.* Cf. ARAD, Yitzhak, Israel Gutman, Abraham Margaliot (org.), *El Holocausto en Documentos,* Yad Vashem, Jerusalén 1996, pp. 92-93.

[6] LAPLANCHE e Portalis. Vocabulário de Psicanálise. Martins Fontes. São Paulo, 1991.

O livro demonstra que uma das armas mais eficazes (talvez a mais eficaz) para envolver a imensa maioria da população foi justamente a manipulação da linguagem, feita de maneira paulatina, constante e quotidiana, que Klemperer percebe desde o começo. Foi principalmente graças a essa manipulação que o regime conseguiu transformar cidadãos que talvez tivessem sido indiferentes ao "problema judaico" em anti-semitas "civilizados", anti-semitas "furibundos", para utilizar a terminologia preconizada por David Bankier, historiador israelense do Holocausto. A própria propaganda nazista, de que foi mestre o Ministro de Propaganda, Goebbels, pressupunha um uso manipulado da língua alemã, tal como Klemperer o mostra, repetidas vezes, na *LTI*.

Hoje em dia surgem novamente, em grande número, estudos do período nazista. Mas pareceria ser que quanto mais o nacional-socialismo é estudado, tanto mais questões são descobertas a serem ainda aprofundadas. Hoje em dia não é mais possível, em sã consciência, calar diante de questões que podem ser entendidas como sendo "raciais", tal como a não aceitação das minorias, dos diferentes, etc. Meu encontro com a 'LTI' de Victor Klemperer foi, neste sentido, um achado ímpar. Grande parte do que Klemperer informa suponho que ainda seja do conhecimento de poucos. Mas tudo é relevante para os nossos dias. Não apenas porque contribui para entender o que aconteceu entre 1933 e 1945, mas também porque pode ser visto como advertência diante de manipulações a que nos vemos expostos no nosso presente.

Não se pode ignorar o poder do racismo no presente momento na Europa, que contribuiu para o líder direitista francês Le Pen chegar ao segundo turno nas eleições presidenciais na França em 2002 mas que, já antes disso, levou a direita ao poder na Áustria e a encaminha para lá na Holanda. Creio que este trabalho pode modestamente contribuir para que um regime que infligiu uma tragédia ímpar à humanidade, o inferno nazista, não se repita nos nossos tempos, nem no futuro.